

# Horizonte Provável

Elida Tessler

Curadoria e diálogos: Luiz Guilherme Vergara  
Diretor do Museu de Arte Contemporânea de Niterói

A instalação, o Horizonte Provável, de Elida Tessler nasceu inspirada pelo desafio e potência deste lugar especial do MAC, a varanda, de total suspensão e invasão recíproca entre cultura e natureza, onde se ouve o rumor do mar. Elida toma partido deste espaço de transe liminal para transformá-lo em “horizontes múltiplos de provas e leituras”. A experiência artística se expande como percurso dos sentidos, do jogo entre provável futuro e a prova presente do sabor e teste, o impacto simultâneo de vários sistemas de signos comunicantes entre repetição e diferença. Este é o território da poética e da autopoiesis, de um leitor móvel em trânsito pelos limites da percepção e resignificação, de “metaencontros”, tanto da arte dentro de uma arquitetura transparente dentro do mundo, quanto do despertar do sujeito dentro do horizonte de passagens do tempo e do espaço, das cambiantes fronteiras entre dentro e fora, do ser o que se percebe entre geografia e literatura.

A própria trajetória profissional da Elida vem sendo caracterizada pela repetição e diferença de intervenções artísticas que se nutrem do jogo de contaminações recíprocas entre a experiência de sentido do lugar e a revelação dos seus saberes e sabores, que não separam texto de contexto. Assim, Elida desconstrói a ordem natural de percepções desgastadas entre sistema de coisas e trocas simbólicas. A artista propõe situações inusitadas, buscando desconfigurar interrelações de sentidos existentes, que por isso passam despercebidas, amortecidas no dia-a-dia, através de jogos de deslocamentos que transfiguram os lugares e os estados de percepção comum, na possibilidade, por estranhamento, de emergência de um sujeito ativo para o instante poético dentro de um campo relacional de novas ordens de leitura múltipla do mundo. Este é o princípio de esperança no horizonte provável, “uma instauração literal de uma poética do infinito provocante e provável”, que entrelaça duas grandes obras: da literatura de Haroldo de Campos, “A Arte no horizonte do provável”, e a arquitetura de Niemeyer, que mereceria também o mesmo nome.

Elida toma toda a circularidade do museu, assim como Niemeyer do mundo, diante do grande círculo da baía de Guanabara, e faz dela um recipiente maior para seu salto poético, um vôo literal da literatura para a arquitetura, e daí para a construção de um novo litoral feito de um colar de pratos brancos impressos com verbos no infinitivo, retirados do horizonte literário de Haroldo de Campos. Com as palavras libertas do livro, Elida provoca cada leitor móvel a emancipar os verbos para a sua potência infinita, os pratos vazios repetidos se tornam

também recipientes individualizados de pensamentos sementes para ações – gerúndios, como entidades circulares brancas soltas sobre o mar, circundando o museu, como disco maior. Surge um outro horizonte suspenso para um caminhante, atento às sucessivas colagens, superposições de limite entre o prato e a paisagem, a unidade da arte e a passagem do tempo. Os pratos repetidos circulam a varanda dando ressonância múltipla a poética da infinitude, do circular (verbo e forma no infinitivo) do MAC, do mar e do tempo, como anéis e elos dentro de um sistema de mundos dentro de mundos, constelações dentro de galáxias, vistas prováveis de existência simultânea de horizontes infinitos, aqui e agora. Já não mais falamos de horizontes prováveis, mas sim infinitos prováveis a partir do instante em que se percebe as cadeias de sentidos de mundos dentro de mundos.

**Horizonte provável**, de acordo com a Elida, “segue o rumor de uma linha que contorna o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, em seu edifício circular, agora tomado por mim como um recipiente para falas inacabadas. O seu formato, que a muitos sugere um disco-voador, a mim evoca um grande cálice, onde fluídos de pensamentos e imagens vêm configurar-se como um conteúdo precioso, incluindo o desenho constelar realizado pelos visitantes que ali depositam seu olhar.”

Todo Horizonte é um encontro provável no infinito, e como tal, indeterminado enquanto extensão e distância, mas paradoxalmente, na sua imaterialidade já é certeza de concretude poética. A poética do infinito na instalação de Elida está em se colocar na frente do horizonte como um “meta-horizonte”. Da mesma forma Niemeyer traz para a linha do sublime o lugar de ocupação suspensa de sua obra- “mirante de horizontes”. Toda grande obra de arte é composta de metafísica e metáfora, potência imanente – factual – e transcendente, de transporte para o intocável sem tocá-lo. A obra de Niemeyer, se expande pelo horizonte das montanhas e Elida também, como Newton, gentilmente “sobe nos ombros do gigante” – como um colar no grande cálice, se torna um com ele e o mar. Esta ocupação da varanda é, sem dúvida, um projeto especialmente bem sucedido no sentido de elevar a uma potência do concreto, o princípio de esperança da utopia artística pósmoderna. Não modelar ou querer ser modeladora de uma sociedade, mas sim dialogal para múltiplos olhares cambiantes. Elida não impõe nenhuma salvação, apenas convida para caminhar, em estado de conversa com o lugar de muitos horizontes simultâneos. A simultaneidade de mundos distantes que se revelam aqui e agora, diante de um leitor móvel, além de sua relatividade fragilizada, cambiando na mesma medida que caminha, são atributos da emergência de novos paradigmas, da autopoiesis como território do instante de utopia sem promessa – de encontro com o infinito. A interdependência entre mundos, como do sino que toca de acordo com o metal e a altura da torre, o MAC é o instrumento acú tocado pela aproximação poética do horizonte provável.

Elida explora a dimensão liminal da experiência poética - “meu trabalho nasce desta perspectiva de intersecção entre a paisagem externa e interna do Museu, com a intenção de criar uma espécie de borda branca entre o que é litoral e o que é literatura.” Nesta sequência de desdobramentos, a Elida amplia o horizonte de provações e abrangência infinita de sua obra ao elevar sua instalação para uma categoria de ritual onde tempo se acopla a um estatuto de percepção e imaginação. Seu trabalho se desdobrou e saiu do museu para a praia de Boa Viagem, tomando como extensão e suporte, para esticar um fio único (das frases ligadas do livro desfiado), devolvendo intuitivamente, como uma necessidade profética, a literatura e a arte para a geografia das trocas simbólicas e autopoéticas. O trabalho atinge horizontes múltiplos, já não mais pertence somente aos pratos onde se espalham os verbos do infinito, nem mesmo ao livro, mas como faixa de um abraço coletivo na parede do museu, ele é trânsito, fluxo entre linguagens e metáforas, rituais e metafísicas, em vários tempos e espaços.

A VARANDA foi abençoada como um lugar especial transfigurado por uma poética ou metapoética do infinito, absorvendo simultaneamente não só todos os elementos da arquitetura e paisagem ali presentes, mas sobretudo o transe literário de Haroldo de Campos e seus poetas, que cita Mallarmé, lembra Valéry, coleta trechos dos achados de Schwitters, e assim *ad infinitum*. Tudo em Haroldo de Campos é desejo de infinito poético: do aleatório; do precário; da brevidade; da tradução; da vanguarda; por tudo seu manifesto culmina com uma poética sincrônica.

Das camadas de leituras sucessivas de um livro desfiado como um tempo que inventa o espaço. O visitante é convidado a caminhar por um ritual de iniciação (e caminhar é se perceber dando gerúndios aos verbos do infinito) seguindo a conquista inquietada da autopoiesis sobre o mar, em horizontes de expansão e vertigem, o viajante anônimo sobrevoa o litoral, o horizonte infinito se torna próximo e provável.

Como **nasce uma idéia**

**“E começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo...”**

**Galáxias. Haroldo de Campos**

Fiando e desfiando, capturando pontos de interseção entre vida, arte e literatura, assim é o processo infinito de fluência criativa da Elida Tessler. São *falas inacabadas* que entrelaçam diferentes experiências.

Em uma longa viagem de avião para preparar a sua exposição “Horas a fio”, Elida estava lendo um livro de Italo Calvino, “Marcovaldo ou as Estações da Cidade”, e sublinha o trecho “fundo de rumor mais macio que o silêncio”, quando

ao chegar no aeroporto viu a notícia da morte do Haroldo de Campos, e se lembrou dele como um dos indivíduos importantes para do seu projeto “falas inacabadas”. Elida cria uma instalação em homenagem a Haroldo de Campos com o título: retirado do livro do Italo Calvino - “fundo de rumor mais macio que o silêncio.” Assim segue a Elida até hoje tecendo falas e unindo pontos aparentemente desconexos.

O convite para esta exposição na varanda do MAC recuperou na Elida a memória de Haroldo de Campos, de um livro esquecido – lido nos anos 80, “A arte no horizonte do provável”. Elida toma este museu não só como lugar para uma fala inacabada com Haroldo de Campos, mas o seu todo arquitetônico e geográfico, a vista para a paisagem, **literalmente**, como forma e conteúdo, um recipiente, para uma obra de arte no horizonte do provável.

Horizonte provável também pode significar tocável – ou passar pela prova (no sentido do paladar), o que sugere uma relação com a construção de um horizonte com palavras impressas em pratos brancos. Prova é também desafio – ou desfiar – puxar o fio. Um livro que desfiado retornou ao ritual da linha, literal transfiguração de literatura em litoral.

A varanda do MAC é o lugar que Niemeyer projetou para o descanso do viajante, nunca pensou que ali pudesse ser o território do desafio limite do museu para o artista. Elida soube, por sua vez, repassar para o público, muitos desatentos, este desafio poético, pois coloca todos diante uma fronteira aberta entre a arte (extrema linguagem e metalinguagem) e a paisagem – um entre lugar - onde se dá o injusto confronto com a atração para fora do museu, da fuga da vista para o ruído branco do mar. Por isto, a varanda é também um espaço de sacrifício e redenção comunicativa da arte para novos olhares, por uma geografia de diásporas de participação, de um leitor em trânsito na obra, no mundo. Aqui Elida instala com graça e simplicidade um horizonte de provas sutís e de provocações acessíveis a todos, pois a potência poética que está em jogo não é só a do artista, mas também de cada um viajante que se torna literário ao perceber o convite para uma leitura caminhando, desenhando no espaço um litoral de verbos do tempo infinitivo. Elida assumiu este desafio, introduzindo uma atração e armadilha poética, diferentes pratos que colocam à prova o horizonte provável de desvio do olhar para a fuga no horizonte sem arte